

3º DOMINGO NA QUARESMA

8 DE MARÇO DE 2026

JOÃO 4.5-26 (27-30, 39-42)

1 CONTEXTUALIZAÇÃO E CONEXÃO ENTRE AS LEITURAS

Seguimos com o período litúrgico na Quaresma, sempre com vistas à Semana Santa e a gloriosa Páscoa do Senhor, ou seja, a Quaresma é um tempo de preparação para a Páscoa do Senhor. Nesse período somos confrontados pela Lei de Deus que expõe nossos pecados e denuncia nossa rebeldia, principalmente em tempos de provação, quando desacreditamos da bondade, cuidado e amor de Deus.

Apesar de suas brigas, o Senhor graciosamente providenciou para eles. Ele não feriu o povo por seus pecados, mas pela mão de Moisés ele feriu a rocha e produziu água para o povo (Ex 17,1-7). O Deus Supremo (Sl 95.1-7), por graça e misericórdia, desceu dos céus e, em Jesus Cristo, assumiu obedientemente nosso lugar de punição (Jo 19) para nos dar a água viva flui do lado perfurado de Cristo *“por volta da hora sexta”* (João 4.6; 19.14), quando ele é levantado na cruz pelos pecados do mundo. Ele é *“o dom de Deus”* (João 4.10), o poço do qual o Espírito Santo é derramado e se torna em seu povo *“uma fonte de água que jorra para a vida eterna”* (João 4.14).

Essa Água não apenas lava o pecado, mas em meio às tribulações produz perseverança, experiência e esperança, pois é obra do Espírito Santo naqueles que foram justificados pela fé em Cristo Jesus (Rm 5.1-8). Por esta graça na qual permanecemos, estando em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, nós *“adoramos o Pai em espírito e verdade”* (João 4.23). *“Nos gloriamos na esperança da glória de Deus”* porque *“o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi dado”* (Rm 5.2,5).

2 TEXTOS DO DIA

2.1 Salmo 95.1-9

Os versículos iniciais deste salmo têm sido cantados na igreja, por séculos, como o *Venite* (latim para “vinde”), um convite para a adoração ao Deus Supremo, o grande Criador e Rei que governa e cuida de todas as coisas.

O salmista também chama a atenção do seu povo, e de nós, para que não sejamos teimosos como foram os israelitas na peregrinação no deserto após saírem da escravidão no Egito. Mesmo depois de Deus tirá-los da escravidão egípcia, os israelitas ainda questionaram se Deus estava com eles.

2.2 Êxodo 17.1-7

O texto de Êxodo (17.1-7) descreve com maior riqueza de detalhes a teimosia mencionada pelo autor do salmo 95 (8-9). Depois de sair do Egito, quando a água de Israel acabou, os israelitas tiveram sede e começaram a reclamar com Moisés ao invés de se voltarem para Deus para pedir sua ajuda. Deus viu isso como um sinal de falta de fé. Mas Deus, em sua justiça, não tratou os israelitas de acordo com o seu comportamento tolo. Apesar das queixas, Deus não feriu o povo, mas feriu a rocha e, assim, providenciou água ao povo de maneira milagrosa. Aquele lugar recebeu o nome de Massá (= prova) e Meribá (= briga ou disputa).

2.3 Romanos 5.1-8

Paulo enfatiza que o ser humano é perdoado somente por causa da obra vicária de Cristo. Os benefícios dessa obra redentora são entregues à humanidade exclusivamente por meio da fé no Redentor Jesus Cristo. É ele também quem nos dá acesso à graça do amor de Deus (dom), que é obra do Espírito Santo que age em nosso coração nos levando a *“nos gloriarmos em meio às tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança”* (v.3-4). Paulo não está listando virtudes que seus leitores atingirão por vontade própria. Essas virtudes são consequências do dom de Deus; da obra do Espírito Santo; na vida dos cristãos. Quando o Espírito de Deus nos ensina no meio

do sofrimento, ele ensina perseverança, aumenta nossa experiência e nos dá esperança. Ou seja, o sofrimento é transformado pelo nosso relacionamento com Deus.

3 ANÁLISE DO TEXTO BASE PARA A MENSAGEM

3.1 João 4.5-26

As conexões entre esse relato (4.5-26) e o capítulo anterior do Evangelho ocorrem em diversos níveis. O simbolismo da água continua (cf. 2.6; 3.5; 4.10ss.). Jesus continua uma série de diálogos, em cada um deles ele se revela como o cumprimento de promessas e instituições do Antigo Testamento, conforme entendidas pelo judaísmo altamente ortodoxo (representado por Nicodemos, 3.1 ss.).

No início do **cap. 4 (V.1-4)**, o texto informa que os fariseus estavam preocupados com a mudança de influência religiosa e que talvez isso pudesse afetá-los. O autor afirma que Jesus “*deixou a Judeia, retirando-se outra vez para a Galileia*” (v.3). Jesus pode estar evitando um conflito prematuro com os fariseus, mas ele também está sendo guiado pela orientação do Pai.

Quando o evangelista João diz que era “*necessário*” (*edei*) atravessar a província de Samaria, há duas verdades contidas na fala. A primeira é geográfica, pois este era o caminho mais curto entre a Judeia e a Galileia. A segunda e mais importante verdade é que a vontade e o plano de Deus requerem - era “*necessário*” (*edei*) - que Jesus fizesse essa rota por causa dos que viviam em Samaria. O autor supracitado sugere ainda que

João talvez tenha a intenção de fazer um contraste entre a mulher dessa narrativa e Nicodemos do capítulo 3. Ele era um erudito, poderoso, respeitado, ortodoxo, teologicamente preparado; e ela era inculta, sem influência, desprezada, capaz somente da religião popular. Ele era um homem, um judeu, um líder; e ela era uma mulher, uma samaritana, pária moral. E ambos necessitavam de Jesus.

Dentro desse contexto é que serão analisados os versos a seguir:

Vs. 5-6- Sicar, o nome da cidade samaritana na qual Jesus chegou, não é atestada na literatura primitiva, mas, provavelmente, deve ser identificada com o moderno povoado de 'Askar, nas encostas do monte Ebal, oposto ao monte Gerizim.

Segundo Carson, o poço de Jacó, atestado por uma linha contínua de tradição, encontra-se a cerca de oitocentos metros ao sul desse povoado moderno. Sicar, conforme João nos diz, ficava perto das terras que Jacó dera a seu filho José (uma referência Gn 48.22). Jesus chegou ao poço de Jacó por volta do meio-dia, ou à hora sexta, (começando a contar por volta do nascer do sol), quando o calor do dia e o progresso da jornada explicam a sede e o cansaço de Jesus, apontando para sua natureza humana.

Vs.7-9- “*Dá-me de beber*” - Essa expressão revela muito mais do que a necessidade física de Jesus. Ao pedir água, Jesus ignora completamente a tradicional hostilidade entre judeus e samaritanos, bem como as atitudes de desprezo para com as mulheres. A mulher fica espantada com o pedido inusitado feito por um judeu a uma mulher, acima de tudo, samaritana.

V.10- Não só o pedido de Jesus à mulher tinha provado que ele estava acima dos preconceitos dos judeus praticantes rigorosos, mas ele mesmo agora oferece ‘água viva’ da qual ela nada sabe. Jesus, agora, fala de um dom (*presente de Deus*; Conf. Rm 5.15), maior do que a fonte mais pura da terra pode dar. No sinal em Caná (2.6ss.) e na conversa com Nicodemos (3.5), a água já teve um sentido espiritual. Aqui, a água do poço de Jacó, simbolizando a antiga ordem herdada tanto por samaritanos como por judeus, é contrastada com a nova ordem, o dom do Espírito, a vida eterna.

A expressão água viva era de uso comum para denotar água de fonte ou corrente, em distinção da água tirada de uma cisterna. Lembramos de Jeremias 2.13, onde o Deus de Israel diz ser “o *manancial de águas vivas*” que seu povo deixou de lado (rejeitou), preferindo cisternas cavadas por ele mesmo. Na melhor das hipóteses, a água nestas cisternas estaria estagnada; estas acabaram provando ser “*cisternas rachadas, que não retêm as águas*”. A água corrente ilustra de modo adequado o suprimento fresco e perene da graça de Deus, como nestas palavras de Jesus.

No evangelho de João, há passagens em que Jesus é a água viva como ele é o pão do céu (6.35), e outras passagens em que ele dá a água viva para os crentes. Nesse capítulo, a água é a vida eterna que satisfaz e à qual é mediada pelo Espírito que somente Jesus, o Messias e Salvador do mundo, pode prover.

Vs.11-12- Quando Jesus falou de água viva, a mulher pensou que se tratava de água fresca de uma profunda fonte, como daquela veia que supre o poço de Jacó. A mulher não conseguiu entender as palavras de Jesus sobre a água viva, assim como Nicodemos não conseguiu compreender suas palavras sobre o novo nascimento (3.4). Além disso, ela está convicta que Jesus não é maior do que o patriarca Jacó, pois Jesus estava oferecendo água fresca sem gastar a energia de cavar um poço ou usar os meios fornecidos, ele era maior que Jacó, ou um charlatão barato e, aparentemente, sua consciência apontava para a última opção.

V.13- Jesus argumenta sobre a água natural que, apesar de ser uma bênção de Deus, principalmente num ambiente árido como o que se encontravam, essa água mata a sede apenas temporariamente.

V.14- *“Nunca mais terá sede”* - Aqui há um contraste entre a água comum e natural com a ‘água viva’ que Jesus oferece. *“Uma fonte a jorrar para a vida eterna”* - Jesus usa uma metáfora que retrata uma fonte de água que nunca para de jorrar água fresca para retratar a presença do Espírito Santo na vida daqueles que creem e terá plena realização na eternidade.

Expõe da seguinte maneira: “[...] *“A água viva que Jesus dá acaba para sempre com a sede daquele que a bebe. Essa sede não é de água natural, mas de Deus, da vida eterna na presença de Deus; e sacia-se a sede não pela remoção desse doloroso desejo, mas pelo derramamento do Espírito. De fato, essa água se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna (v. 14) - claramente uma referência ao Espírito que, só ele, dá vida”* (Jo 6.63).

V.15- A mulher, assim como Nicodemos, continua a pensar num plano puramente humano, naturalista. Isso fica muito claro no seu desejo de não mais sentir sede ou precisar fazer várias viagens até o poço para tirar água.

Comentário pessoal: Quantas vezes nós também desejamos os milagres puramente naturalistas e esquecemos o milagre da ‘Água viva’ que recebemos como dom de Deus?

V.16- Neste verso há uma mudança de assunto por parte de Jesus. Carson aponta que não é artificial. Já que a mulher não captou quem Jesus é de fato e interpretou erroneamente a natureza da água viva, agora Jesus irá mostrar a ela as dimensões da sua necessidade, a real natureza da sede auto confessada. Em outras palavras, Jesus está levando a mulher a uma compreensão do seu pecado (pregação de Lei).

Vs.17-18- A mulher foi tomada de surpresa pela mudança abrupta de assunto, ainda mais porque o estrangeiro tocou num ponto de sua vida que estava naturalmente sensível. Ele era um estrangeiro e não conheceria sua vida, por isso tentou livrar-se dele com uma declaração rude da sua posição atual: “*Não tenho marido*”. Mas, obviamente, o estrangeiro sabia muito mais do que ela suspeitava; sabia que sua afirmação, do modo como foi feita, era verdadeira, mas não totalmente; e continuou mostrando-lhe o quanto sabia sobre ela.

Enquanto o verso 6 da perícope aponta para a natureza humana de Cristo, nos versos 17 e 18, explicita-se a sua natureza divina. O Senhor revela a sua onisciência divina, como também aconteceu no caso de Natanael (Cf. 1.48-49).

V.19- “*Vejo que tu és profeta*” (Cf. Mt 21.11; Lc 7.16,39; 24.19; Jo 6.14; 7.40; 9.17) O mínimo que a mulher quer dizer é que o conhecimento preciso de Jesus sobre seu passado prova que ele é inspirado. Isso a coloca numa posição mais próxima de reconhecer Jesus como o Taheb (como os samaritanos chamavam a prometida figura messiânica, a qual seria como um novo “Moisés”).

V.20- Após chamar Jesus de profeta, a mulher inicia um embate sobre o verdadeiro local de adoração. A repentina mudança de tema levou muitos intérpretes a sugerir que a mulher levanta um ponto de disputa de teologia como meio de desviar Jesus da questão de pecado que ela achava tão embaraçosa. Há pessoas que não conseguem conversar sobre religião com outras de convicções diferentes sem tocar nos pontos em que diferem. Quando um judeu e um samaritano conversavam sobre religião, um dos principais pontos em questão entre as duas comunidades tinha de ser debatido. “*Que lugar o Deus de Israel escolheu entre suas tribos para que ali habitasse o seu nome?*” “*Onde seu povo devia acorrer para adorá-lo?*” O texto decisivo era Deuteronômio 12.5, que os orientava a procurarem o lugar que Deus escolheu e ali levar-lhe suas oferendas. O

texto, porém, não especifica que lugar Deus escolheu. Ele precisa ser descoberto. Judeus e samaritanos tiraram conclusões diferentes quanto a este local. Os judeus o fixaram em Jerusalém, os samaritanos “*neste monte*” - isto é, Gerizim, que próximo a Siquém - para o qual podiam olhar enquanto conversavam no poço. Siquém foi o lugar onde Abraão construiu um altar, quando entrou na terra prometida (Cf. Gn 12.6ss). Ali, no monte Gerizim, foram pronunciadas as bênçãos sobre Israel depois da fixação na terra, nos dias de Josué (Js 8.33; veja Dt 27.12), e ali, bem mais tarde, foi erigido o templo samaritano.

O lugar em Jerusalém onde os judeus diziam que se devia adorar era o templo, edificado primeiro por Salomão, depois reconstruído por Zorobabel e mais tarde embelezado por Herodes, mas este templo era um retardatário entre os santuários dedicados a Deus em Israel. Havia uma única passagem nos cinco livros de Moisés (Dt 12.5) que os judeus pudessem mencionar como prova de que Jerusalém, e não Siquém, era o lugar que Deus escolheu? O que (a mulher deve ter pensado consigo mesma) este profeta judeu dirá perante isto.

V.21- “Mulher” - Uma saudação comum e respeitosa.

A resposta de Jesus à mulher (vs. 21-24) é dada em três partes. No início, ele anuncia que tanto do templo de Jerusalém quanto do monte Gerizim como lugares definitivos de adoração estão “ultrapassados” (v. 21). Então, ele insiste, a salvação vem dos judeus, não dos samaritanos (v. 22). E, finalmente, ele explica de forma mais positiva a natureza da adoração que torna para sempre obsoleta as reivindicações conflitantes de Jerusalém e Gerizim (vs. 23,24).

V.22- A resposta que a mulher ouviu foi bem diferente daquela do que ela poderia imaginar. Jesus deixa claro que o tempo de embates teológicos sobre Gerizim ou Sião havia terminado. Uma nova maneira de cultuar estava sendo iniciada. A discussão não seria mais “*onde*”, nas “*como*” adorar.

“*A salvação*” – Na língua grega o texto tem um artigo definido (ἡ σωτηρία- a salvação), uma precisa referência à salvação que somente Jesus traz. “*Dos judeus*” - significa que o próprio Messias tinha de ser da tribo de Judá, de acordo com as Escrituras do Antigo Testamento (Cf. Gn 49.10; Is 2.3; e ainda Lc 24.47; Rm 3.1; 9.4-5).

V.23- Esta revelação da essência da verdadeira adoração, da parte de Jesus, parece simples e até óbvia, depois que a compreendemos - mas não tão óbvia, se pensarmos no grande número de cristãos que cometem o mesmo erro da mulher samaritana (e com menos justificativas), imaginando que só é possível adorar a Deus, de maneira apropriada, com eles, em suas igrejas, a seu modo.

“Vem... já chegou” – A hora é, ao mesmo tempo, futura e presente, pois Cristo já está realizando tudo o que o Pai o havia enviado para fazer (Cf. Lc 4.18-19). Sob as condições escatológicas da hora que está raiando, os verdadeiros adoradores não podem ser identificados por sua ligação a um santuário particular, mas por sua adoração do Pai em espírito e verdade.

“Em espírito e em verdade” – Deus é espírito e, por isso, a adoração correta não é uma questão de localização geográfica. A verdadeira adoração recebe seu caráter genuíno da atividade do Espírito Santo.

“O Pai procura” - Deus procura ativamente pessoas para salvá-las (Cf. Lc 19.10; 1Tm 2.4).

V.24- *“Deus é espírito”* – Que a natureza essencial de Deus é espiritual, e não material, reforça o ensinamento que as pessoas devem adorar “com os movimentos do coração e com a fé”. Agostinho escreveu: “Tanto o Pai é um espírito quanto o Filho é um espírito, e da mesma forma, o Pai é Santo e o Filho é Santo... O Espírito Santo é referido tanto ao Pai quanto ao Filho, porque ele é o Espírito tanto do Pai quanto do Filho”.

Carson argumenta sobre a afirmação “Deus é espírito”: “E ele [Deus] escolheu se revelar: ele pronunciou sua Palavra, sua própria autoexpressão. Naquela Palavra, agora tornada carne, ele pode ser conhecido tão verdadeiramente quanto é possível para os seres humanos conhecê-lo (1.1-18). A Palavra encarnada é a única que batiza seu povo no Espírito Santo (1.33), pois, a menos que sejam nascidos do alto, a menos que sejam nascidos do Espírito, não podem ver o Reino de Deus, eles não podem adorar a Deus de fato. Essa provisão do Espírito torna-se possível pela obra daquele que é a verdade (14.6), e quem, por sua glorificação por meio da cruz, derrama o Espírito que é chamado o Espírito da verdade (14.17; 15.26; 16.13). [...] Esse Deus que é espírito pode ser adorado somente em espírito e em verdade. [...] isto é, essencialmente ‘centrada em Deus’, possível apenas pelo dom do Espírito

Santo, e pelo conhecimento pessoal da Palavra de Deus que se tornou carne, e conformidade com essa Palavra, a ‘verdade’ de Deus, a fiel exposição e cumprimento de Deus e seus propósitos salvadores.

V.25- O quanto a mulher samaritana entende o que Jesus lhe fala é discutível. Até onde sabemos, até o século XVII, os samaritanos não usavam regularmente o termo ‘Messias’, e a mulher pode ter feito isso aqui por consideração ao seu interlocutor judeu. Os samaritanos preferiam ‘Taheb’ ‘o Restaurador’, ou talvez ‘aquele que retorna’. “*Quando ele vier, explicará tudo para nós*”: essa é mais uma expectativa samaritana que judaica. Os samaritanos retratavam o Taheb como aquele que revelaria a verdade, em harmonia com sua função como o profeta definitivo (Cf. Dt 18.15-19).

V.26- Jesus responde a mulher usando pela primeira vez, no Evangelho conforme João, a expressão “*Eu sou*”, admitindo ser ele o Messias esperado, verdadeiramente Deus (Cf. Ex 3.14).

Vs.27-30- Enquanto Jesus está falando com uma mulher samaritana, chegam os seus discípulos, mas não tem coragem de perguntar nada a ele. A mulher, tendo ouvido da boca de Jesus que ele era o Messias, deixou o seu cântaro de água e saiu correndo. Voltou para a cidade para falar ao seu povo que viessem com ela e vissem que ali estava um profeta, interferindo se “*não seria ele o Cristo?*”. Então eles saíram da cidade e foram até onde Jesus estava.

Vs.39-42- O texto ressalta que muitos samaritanos daquela região creram em Jesus por causa do testemunho da mulher que havia anunciado que Jesus era um profeta. Ao falar com a mulher, Jesus já havia posto de lado a divisão entre judeus e samaritanos. Agora, os samaritanos pedem para ficar. Isso é algo que Jesus não havia experimentado em Jerusalém. Agora, pós ouvirem a pregação de Jesus, eles não creem mais pelo testemunho da mulher, mas eles passaram a crer por aquilo que eles ouviram, da boca do próprio Senhor Jesus.

4 COMENTÁRIO DOUTRINÁRIO

Vivemos o período litúrgico na **Quaresma**. E, nesse tempo de preparação para a páscoa do Senhor, a *Palavra de lei* aponta para a peregrinação do povo israelita no deserto como representantes da humanidade teimosa, incrédula, caída em pecado.

O salmista (Sl 95.1-9) introduz as leituras apontando para um povo que não reconhece as bênçãos diárias de Deus em sua vida, reclama constantemente dos problemas que surgem, ao invés de reconhecer e louvar o Deus Supremo, Criador e Mantenedor de todas as coisas (**1º Artigo do Credo**).

O texto do Antigo Testamento relata este episódio mais detalhadamente quando expõe o pecado do povo israelita que age teimosamente contra os desígnios do Senhor, não confiando nele e até mesmo duvidando do seu cuidado (Pecando contra o **1º Mandamento**. Lutero o explica, dizendo: “Devemos temer e amar a Deus e CONFIAR nele acima de todas as coisas”).

Mesmo o povo do passado sendo descrito como rebelde, Deus providenciou (*Palavra de Evangelho*) água no deserto para que matassem sua sede e sobrevivessem (**1º Artigo do Credo**).

De igual modo, Jesus vem ao encontro de pecadores rebeldes e desprezados pelo mundo (Jo 4), não para matar a sede física, mas para oferecer a Água Viva (Jo 4.10) que jorra para a eternidade (Jo 4.13-14). Aquele que teve sede na cruz (Jo 19.8), oferece água viva (Jo 4.6-14), que provém do seu lado perfurado (Jo 19.34). Aquele que sofreu, morreu e ressuscitou, justifica, mediante a fé, para operar paz com Deus (Rm 5.1-8) ao pecador arrependido (**2º Artigo do Credo/ As duas naturezas de Cristo**).

Por isso, tendo recebido a “Água viva” (o Espírito Santo) temos o privilégio de sermos convidados (Venite) a estarmos constantemente cultuando ao Deus Supremo (Sl 95.1-7) em espírito e verdade (Jo 4.23) (**3º Artigo do Credo- Explicação de Lutero**).

5 SUGESTÃO DE ESBOÇOS PARA PREGAÇÃO

5.1 Primeira sugestão

Tema: *Cristo oferece a Água da Vida para Adorarmos o Deus Supremo no Espírito e na Verdade do seu Evangelho.*

Texto Principal: João 4.5-26.

Introdução: Apresentar o encontro de Jesus com a mulher samaritana como uma descrição da transformação e renovação espiritual que Cristo oferece a todas as pessoas pela ação da água da vida, o Espírito Santo. Tema central da Quaresma.

Desenvolvimento: Parte 1 - A Sede Humana (Êx 17.1-7) e a Fonte da Água Viva (Jo 4.10-14): Conectar a sede física do povo de Israel no deserto com a sede espiritual da mulher samaritana e nossa própria sede por Deus. A Quaresma nos convida a reconhecer essa sede (Lei).

Jesus oferece à mulher uma água que sacia para sempre. Explorar o significado dessa "Água Viva" como o Espírito Santo, que transforma nossa vida (Evangelho).

Desenvolvimento: Parte 2 - Adoração em Espírito e em Verdade (Jo 4.23-24): Explicar a importância dos rituais externos, mas como isso também pode ser uma tentação/provação quando colocamos os ritos acima de Deus para matar nossa sede espiritual (Lei)

Mostrar como a verdadeira adoração transcende rituais externos e se manifesta em uma confiança sincera em Deus, e numa vida guiada pelo Espírito Santo (Evangelho). Lutamos contra os desejos da carne porque a graça de Deus nos sustenta e nos capacita a perseverar, produzindo esperança que vem de Cristo (Rm 5.1-8) [3º Uso da Lei].

Conclusão: Parte 3 - O Deus Supremo (Sl 95.1-9): Todas essas dádivas nos convidam a louvar e adorar, em espírito e em verdade, o Deus que provê a Água Viva. Cristo é "o dom de Deus" (João 4.10), o poço do qual o Espírito Santo é derramado e se torna em seu povo "uma fonte de água que jorra para a vida eterna" (João 4.14).

5.2 Segunda sugestão

Tema: *Jesus Cristo dá Água da Vida que Sacia Eternamente.*

Texto Principal: João 4:5-26 (Jesus e a mulher samaritana no poço).

Introdução: Água é essencial para a vida, compondo cerca de 60% do corpo humano [para hidratação, transporte de nutrientes, regulação da temperatura (suor) e desintoxicação (rim)], e sendo fundamental para todos os ecossistemas, agricultura e indústrias. E essa água toda não fica dentro de você por longos períodos: entre cocô, xixi e suor, você perde, por dia, algo entre 2 e 2,5 litros do líquido, o equivalente a mais de 2% da sua massa. É por isso que, conforme o dia passa e você despacha alguns mililitros de si mesmo eliminando líquido, vem aquela sede que só água resolve (e não adianta pedir cerveja – bebida alcóolica só aumenta a sede).

A sede é um sinal de alerta de que o corpo já está desidratado, podendo levar a sérios problemas de saúde, como falência de órgãos, infecções renais e tonturas, pois o sangue fica mais espesso. A hidratação regular, e não apenas o ato de "matar a sede" quando ela surge é fundamental para o funcionamento do corpo. Sabemos que é necessário beber água regularmente, pois a sede sempre volta, principalmente nos dias mais quentes.

Jesus faz uma promessa interessante no Evangelho do dia. A promessa de Cristo é de que Ele pode dar uma água que sacia a sede para sempre.

Desenvolvimento: A história da mulher samaritana como descrição de um encontro transformador com Cristo, o qual lhe oferece a água da vida.

Aspectos de Lei - Buscamos saciar nossa sede em nosso próprio entendimento, ou bebendo ‘refrigerantes’ espirituais no sentimentalismo, nas “experiências”. Por vezes, buscando matar a sede de Deus, pessoas acabam se embriagando em ensinamentos legalistas que são coisas externas à Palavra de Deus.

Cristo sabe o quanto temos sede de Deus. Ele tem ciência que somos pecadores e que, por mais que tentemos pela emoção, razão ou força, cavar um poço que jorre água viva, jamais a encontraremos.

Aspectos de Evangelho - Por isso ele assume nosso lugar de deserto e punição (Mt 4.1-11; Jo 19) para nos oferecer a água da vida (Jo 4.10). Além dessa dádiva, temos um Deus Supremo, Criador e Mantenedor de tudo, somos o seu povo (em Cristo), somos “ovelhas de sua mão” (Sl 95.1-7). Como nosso Bom Pastor, ele nos conduz e nos dá a água viva que traz descanso, o dom do Espírito Santo.

A Água da vida não apenas lava o pecado, mas transforma e renova nossa alma.

Conclusão: Quando não confiamos plenamente em Deus, buscamos saciar nossa sede fora de Cristo, peregrinando por um deserto seco, numa busca contínua e incessante por fontes que podem até trazer algum alívio momentâneo, mas não saciam a sede espiritual que temos. Cristo, porém, nos oferece diariamente, nos meios da graça, a água viva que nos dá vida eterna. Por isso, vamos aproveitar cada encontro, cada momento da nossa vida para louvamos, com gratidão ao Deus Triúno e Supremo (Sl 95) que saciou nossa sede para a eternidade (Jo 4.14).

Rev. Fabiano Schran

Floriano - PI